

Balzac e A Costureirinha Chinesa, Daí Sijie, Alfaguara, 2007

Daí Sijie nasceu na China em 1954 e viveu em um campo de trabalho forçado na província de Sichuan, entre 1971 e 1974. Tinha, portanto, 16 anos de idade quando teve que enfrentar o trabalho duro da “reeducação” imposta pela Revolução Cultural (1966-1976), sob o governo de Mao Tsé Tung (1893-1976)

Mao continua sendo uma figura controversa na atualidade. Liderou a fundação da República Popular da China em 1949, aplicando um misto de marxismo-leninismo e de tradições chinesas. Na China ainda é visto oficialmente como um grande revolucionário, estrategista, mentor político e militar e salvador da nação. Muitos chineses acreditam também que, através de suas políticas, ele lançou os fundamentos econômicos, tecnológicos e culturais da China moderna, transformando o país de uma ultrapassada sociedade agrária em uma grande potência mundial.

No Ocidente, Mao é acusado de causar grave fome e danos à cultura, sociedade e economia da China, principalmente no período da chamada Revolução Cultural, cujo objetivo era transformar cada fábrica e cada fazenda coletiva em um centro produtor autônomo de bens e de idéias, fortalecendo o comunismo no país continental. Mao acreditava que a fase seguinte da Revolução Chinesa seria justamente ultrapassar a revolução da ordem econômica para a ordem ideológica, para a alma do cidadão chinês. Daí o adjetivo Cultural da revolução.

No entanto, o período serviu mesmo como uma estratégia para eliminar adversários do Partido, enviando-os para a reeducação em zonas rurais e fábricas, principalmente quando se tratavam de intelectuais e profissionais altamente especializados. Universidades foram fechadas, atividades culturais foram perseguidas e até mesmo livros ocidentais foram banidos ou queimados em praça pública.

Segundo Simon Leys (*Les Habits neufs du president Mao*, 1971), "a revolução cultural, que de revolucionária só teve o nome, e de cultural só o pretexto tático inicial, foi uma luta pelo poder travada na cúpula entre um punhado de indivíduos, por trás da cortina de fumaça de um movimento de massa fictício."

Fala-se da morte de 50 a 70 milhões de pessoas, resultantes das políticas de Mao. Desde que Deng Xiaoping assumiu o poder em 1978, muitas políticas maoístas foram abandonadas em favor de reformas econômicas, que levaram a uma aproximação com o Ocidente e também a um crescimento extraordinário. Hoje a China tem o segundo maior PIB do mundo. Mao é visto também como uma das figuras mais influentes na história do mundo moderno e foi nomeado pela *Time Magazine* como uma dos 100 personalidades mais influentes do século XX.

A experiência real do escritor Daí Sijie, compartilhada com o seu amigo Luo, da mesma idade, resulta de uma perseguição aos seus pais, então considerados inimigos da pátria, na Revolução Cultural. O pai de Sijie foi dentista e os de Luo foram escritores.

No entanto, o relato de Daí Sijie não é um libelo anticomunista ou uma declaração contra Mao. É antes de tudo uma crônica desta época sombria, contada a partir da ótica de um adolescente que conhece a paixão pela literatura e pela filha do alfaiate da pequena vila onde cumpriu o trabalho forçado. É uma obra escrita com vigor, com bom humor e, sobretudo, com a intensidade dos prazeres e fantasias da juventude.

Os dois amigos foram deslocados para uma distante montanha chamada Fenix Celestial, na qual havia vinte pequenos vilarejos, cada qual acolhendo um ou dois “intelectuais” que passariam pela reeducação. A cidade mais próxima ficava a dias de distância e era tão pequena que “cada vez que se fazia carne acebolada na Prefeitura, toda a cidade sentia o cheiro”.

Acordavam cedo e trabalhavam até o entardecer, seja empurrando o arado de búfalo, com água até os tornozelos, seja carregando um cesto de merda humana e animal nas costas,

em terreno escorregadio. O frio e a chuva fina o acompanhavam o tempo todo, bem como a fome e o cansaço. Trabalharam também numa pequena mina de carvão.

Já no primeiro mês foram dispensados de alguns dias de trabalho para assistir ao filme projetado na quadra de basquete da pequena cidade e depois, no retorno, contar para os camponeses. Ambos desenvolveram assim a habilidade de contadores de histórias, levando emoção, suspense e alegria àquela platéia rude, mas que respondia com prantos.

Um dia descobriram uma maleta repleta de livros proibidos. Balzac, Flaubert, Dumas e tantos outros estavam ali, escondidos e protegidos dos desmandos da Revolução. Eram traduções chinesas, de uma época livre do obscurantismo anti-ocidental. Os meninos entregaram-se a devaneios noturnos no mundo da literatura e compartilharam suas descobertas com a menina mais linda da região, a filha do alfaiate.

Um ponto alto do livro é a leitura do Conde de Monte Cristo para o pai da costureirinha, o que durou nove noites. O prazer da leitura própria era ainda mais potencializado pelo prazer do relato para os amigos. Daí brotava um sentimento de uma vida mais intensa, de um sentido de viver mais profundo que alterou para sempre o destino da linda menina e deu forças para os amigos resistirem às humilhações.

Ironicamente, a história destes contadores de histórias foi parar no cinema, numa versão dirigida pelo próprio autor em 2002. O livro já foi traduzido para 25 idiomas

João Pedro Ricaldes dos Santos – março 2011

Excertos

O trabalho e o cinema. Páginas 12-20

Naquele ano de 1971, o filho de um pneumologista e seu companheiro, o filho de um grande inimigo do povo que tinha tido a sorte de tocar nos dentes de Mao, eram apenas dois "jovens intelectuais" entre centenas de rapazes e moças enviados para aquela montanha, chamada "Fênix Celestial". O nome poético era até um modo engraçado de sugerir sua altura terrível: os pardais e os pássaros comuns das planícies jamais poderiam elevar-se até ela. Só podia atingi-la uma espécie ligada ao céu, poderosa, legendária, profundamente solitária.

Nenhuma estrada chegava lá. Apenas uma vereda estreita elevava-se por entre enormes blocos rochosos, picos, montes, cristas de todas formas e tamanhos. Para que se pudesse ver a silhueta de um carro, ouvir o som de uma buzina, sinal de civilização, ou para que se sentisse o cheiro de um restaurante, era necessário andar durante dois dias na montanha. A uns cem quilômetros adiante, na margem do rio Ya, estendia-se a cidade mais próxima, o pequeno burgo Yong Jing. O único ocidental a pisar naquelas terras foi padre Michel, missionário francês que, nos anos 40, andava à procura de uma nova passagem para o Tibete.

Escreve o Jesuíta em seu diário de viagem: "O distrito de Yong Jing é bastante interessante, sobretudo devido à montanha 'Fênix Celestial'. Trata-se de uma montanha conhecida por suas jazidas de cobre amarelo empregado na fabricação da antiga moeda. Dizem que, no século I, um imperador da dinastia Han ofereceu essa montanha ao amante, um dos chefes dos eunucos do palácio. Quando pus os olhos naqueles cimos vertiginosos que se erguiam no horizonte, vi um caminho estreito que se esgueirava por entre as negras fendas das rochas inclinadas, dando a impressão de dissolver-se na bruma. Um grupo de cules, levando às costas grandes fardos atados com cintas de couro, descia por aquela vereda como bestas de carga. Disseram-me, porém, que a produção de cobre estava há muito tempo em declínio, principalmente por causa da falta de meios de transporte. Atualmente, a geografia particular dessa montanha levou seus habitantes a cultivarem ópio. Desaconselharam-me a pisar naquela região, pois todos os plantadores andam armados. Depois da colheita, dedicam-se a atacar os que passam por lá. Contentei-me, portanto, em olhar de longe esse lugar selvagem e isolado, escurecido pela exuberância das árvores gigantescas, das trepadeiras, da vegetação luxuriante, que parecia ser, por excelência, o lugar de onde os bandidos podem surgir das sombras e investir contra os viajantes."

A Fênix Celestial era composta de aproximadamente vinte aldeias dispersas nos meandros de uma única vereda ou escondidas nos vales sombrios. Em regra, cada aldeia acolhia cinco ou seis jovens provenientes da cidade.

A nossa, entretanto, pendurada no topo da montanha, e a mais pobre de todas, só podia assumir dois: Luo e eu. Instalaram-nos justamente na casa sobre pilotis, na qual o chefe da aldeia examinara meu violino.

A construção, propriedade da aldeia, não se destinava à moradia. Sob a casa, suspensa do chão por meio de pilares de madeira, ficava a pocilga, onde vivia uma porca enorme, outro patrimônio comum. A casa propriamente dita era feita de velha madeira bruta, sem pintura ou teto, servindo de armazém para o milho e de depósito

de ferramentas estragadas. Era também o lugar ideal para os encontros secretos dos adúlteros.

Durante muitos anos, a residência de nossa reeducação nunca teve móveis, nem ao menos uma mesa ou cadeira, apenas dois leitos improvisados, encostados à parede, num pequeno cômodo sem janela.

No entanto, nossa casa logo se tornou o centro da aldeia. Todos vinham até nós, inclusive o chefe, com aquele olho esquerdo sempre manchado de três gotas de sangue.

E tudo graças a uma outra "fênix", pequenina, quase minúscula, antes terrena, cujo mestre era meu amigo Luo.

N a verdade, não se tratava de uma fênix verdadeira. Tratava-se de um galo com penas de pavão esverdeadas, estriadas de azul-escuro. Sob o vidro meio encrostado, abaixava rapidamente a cabeça, beliscando o chão invisível com o pontudo bico de ébano, enquanto a agulha dos segundos girava lentamente sobre o mostrador.

Em seguida, mantendo o bico aberto, levantava a cabeça, sacudia as plumas, visivelmente alegre, satisfeito por ter beliscado os grãos de arroz imaginários. Como era pequeno o despertador de Luo, com o galo que se mexia a cada segundo! Foi, sem dúvida, graças ao tamanho que escapou à revista do chefe da aldeia, quando de nossa chegada. Quase cabia na palma da mão, no entanto, soava lindamente, cheio de doçura.

Antes de nós, aquela aldeia nunca tivera despertador, relógio de pulso ou de parede. Sempre se guiara pelo sol para se levantar e se deitar.

Ficamos surpresos de constatar o verdadeiro poder - poder quase sagrado - que o relógio assumiu sobre os camponeses. Todos vinham consultá-la como se nossa casa sobre pilotis fosse um templo. A cada manhã, era o mesmo ritual: o chefe ficava rondando a casa, fumando um cachimbo de bambu, tão comprido quanto um fuzil, sem tirar os olhos do despertador. Então, às nove horas em ponto, soava um apito longo e ensurdecido, dando o sinal da partida para os campos.

- Está na hora! Vocês ouviram? - gritava ritualmente para as casas construídas em volta. - Está na hora de dar duro, bando de molengas! O que estão esperando, seus filhos de uma égua! ...

Nem eu nem Lua gostávamos muito de trabalhar naquela montanha de caminhos abruptos, estreitos, que subiam, subiam até desaparecer nas nuvens; não gostávamos daqueles caminhos pelos quais era impossível empurrar o menor carrinho de mão, e onde o corpo humano representava o único meio de transporte.

O que mais nos assustava era carregar merda nas costas. Baldes de madeira cilíndricos foram especialmente concebidos e fabricados para transportar todo tipo de adubo, humano ou animal. De modo que, diariamente, devíamos enchê-las com os excrementos misturados com água, pô-las no lombo e trepar aos campos, muitas vezes situados a uma altura vertiginosa. A cada passo ouvia-se o líquido merdoso agitar-se no balde, bem atrás de nossos ouvidos. O conteúdo fétido escapava gota a gota pela tampa e derramava-se, espalhando-se pelo dorso do carregador. Caros leitores, eu os poupo das descrições dos tombos, pois, como vocês podem imaginar, cada passo em falso podia ser mortal.

Um dia, de madrugada, só de pensar nos baldes que nos esperavam, perdemos a vontade de nos levantar. Ainda estávamos na cama quando ouvimos os passos do chefe se aproximando. Eram quase nove horas; o galo, impassível, bicava a comida fictícia, quando, de repente, Luo teve uma idéia genial. Com o dedo mindinho girou os ponteiros do

despertador em sentido contrário, fazendo-os retroceder uma hora. Então, voltamos a dormir. Como foi agradável aquela manhã! Tanto mais que sabíamos que o chefe esperava do lado de fora, andando de um lado para o outro, fumando seu longo cachimbo de bambu. Essa descoberta audaciosa e incrível diminuiu em muito nosso rancor em relação aos ex-cultivadores de ópio, transformados em "camponeses" sob o regime comunista, encarregados de nossa reeducação.

Depois daquela manhã histórica, mudamos com frequência a hora do despertador. Tudo dependia de nosso estado físico ou de nosso humor. Algumas vezes, em vez de girar os ponteiros para trás, o adiantávamos em uma ou duas horas, a fim de terminarmos a jornada mais cedo.

Com isso, não sabendo mais exatamente que horas eram, acabamos por perder a noção da hora real. Chovia muito na montanha da Fênix Celestial. A cada três dias, dois eram de chuva. Não caíam aguaceiros nem tempestades. Eram chuvas finas, constantes e manhosas, que pareciam não acabar mais. As formas dos picos e dos rochedos em volta da casa sobre pilotis se esfumavam sob o denso e sinistro nevoeiro. Essa paisagem frouxa e irreal nos provocava enorme tristeza. Tanto mais que, dentro de casa, vivíamos permanentemente na umidade, pois o mofo roía tudo e nos cercava cada dia mais. Era pior do que morar num porão.

Às vezes, à noite, Luo não conseguia dormir. Levantava-se, acendia o candeeiro, escorregava para baixo da cama e, agachado, tentava encontrar na meia escuridão guimbas de cigarros que havia jogado fora. Feito isso, sentava-se na cama, juntava os tocos embolorados num pedaço de papel (frequentemente uma preciosa carta da família) e os punha a secar perto da chama do lampião. Em seguida, sacudia as guimbas, recolhendo os fiapos de tabaco com minúcia de relojoeiro, sem perder nenhum.

Feito o cigarro, acendia-o e apagava a chama do candeeiro. Fumava no escuro, sempre sentado, ouvindo o silêncio da noite do qual se destacavam os grunhidos da porca que, bem debaixo de nosso quarto, fuçava na esterqueira.

De vez em quando a chuva durava mais que o habitual, e a falta de cigarro se prolongava. Um dia, Luo me acordou no meio da noite.

- Não encontro mais nenhuma ponta, nem debaixo da cama, nem em qualquer outro canto.

- E daí?

- Estou deprimido - disse-me. - Você poderia tocar violino?

Fiz o que me pedia. Enquanto tocava, sem estar inteiramente desperto, pensei de repente em nossos pais. Se o pneumologista ou o grande dentista, que tinha realizado tantos feitos, pudessem ver, naquela noite, a luz bruxuleante do candeeiro de nossa casa sobre pilotis; se pudessem ouvir aquela música do violino misturada aos grunhidos da porca ... Mas não havia ninguém. Nem mesmo os camponeses da aldeia. O vizinho mais próximo estava a uma centena de metros. Chovia lá fora. Por acaso, não era a chuva fina de sempre, mas uma chuva pesada, brutal, que batia nas telhas, por cima de nossas cabeças. Provavelmente tudo isso contribuiu para que Luo se sentisse ainda mais deprimido. Estávamos condenados a passar a vida inteira em processo de reeducação. O normal, segundo os jornais oficiais do Partido, era que um jovem, proveniente de uma família comum, operária ou intelectual revolucionária, se não fizesse bobagens, tivesse cem por cento de chances de completar a reeducação em dois anos, e voltar para junto dos seus.

Todavia, para os filhos das famílias catalogadas como "inimigas do povo", a oportunidade de volta era mínima: três em mil. Matematicamente falando, Luo e eu estávamos "fodidos". Restava-nos a alegre perspectiva de ficar velhos e calvos, de morrer e de acabar enrolados na mortalha branca usada na região, na casa sobre pilotis. Era motivo suficiente para alguém se sentir deprimido, torturado, incapaz de fechar os olhos.

Naquela noite, toquei primeiro um trecho de Mozart, depois um de Brahms, uma sonata de Beethoven, mas nem este foi capaz de levantar o moral de meu amigo.

- Tenta outro - disse-me.

- O que é que você quer ouvir?

- Uma coisa mais alegre.

Pensei, revirei meu pobre repertório musical e não encontrei nada.

Então, Luo começou a cantarolar um refrão revolucionário.

- O que você acha disso? - perguntou-me.

- Legal.

Imediatamente o acompanhei ao violino. Era uma canção tibetana cuja letra os chineses transformaram em louvor à glória do presidente Mao. Mesmo assim, a música preservara a força indomável da alegria de viver. A adaptação não conseguira estragá-la completamente. Cada vez mais excitado, Luo pôs-se de pé sobre a cama e começou a dançar, girando, enquanto pesadas gotas de chuva escorriam pelos vãos das telhas.

Três em mil, continuei pensando. Restam-me três chances em mil, e nosso fumante melancólico, bancando o dançarino, tem menos ainda. Talvez um dia, quando me tiver aperfeiçoado no violino, um grupo de propaganda local ou regional, como o do distrito de Yong Jing, por exemplo, me dará a oportunidade de um contrato para tocar nos concertos vermelhos. Mas Luo não sabe tocar violino, não sabe jogar nem basquete nem futebol, não possui nenhum trunfo para participar dessa revoltante concorrência dos "três em mil". E o que é pior: nem pode sonhar com isso.

Só tinha talento para contar histórias; sem dúvida um talento muito agradável, mas, infelizmente, marginal e sem muito futuro. Não estávamos na era das Mil e Uma Noites. Nas sociedades contemporâneas, capitalistas ou socialistas, a profissão de contador não existe mais.

O único homem no mundo capaz de apreciar seu talento, remunerando-o generosamente, foi o chefe de nossa aldeia, o último dos senhores amantes de belas histórias.

A montanha da Fênix Celestial ficava tão afastada da civilização que a maioria das pessoas nunca havia visto um filme sequer em suas vidas, nem sabia o que era cinema. De vez em quando, Luo e eu contávamos alguns filmes ao chefe, que chegava a babar, pedindo mais. Um dia, informou-se sobre a data da projeção mensal em Yong Jing, e decidiu que Luo e eu iríamos àquela cidade. Dois dias para ir, dois para voltar. Veríamos o filme na mesma noite da chegada à cidade. Na volta, deveríamos contá-lo, do princípio ao fim, ao chefe e a todos os aldeões, mantendo-nos fiéis ao tempo exato da projeção.

Aceitamos o desafio, mas, por precaução, assistimos a duas sessões seguidas, no campo de esportes do ginásio da cidade, provisoriamente transformado em cinema ao ar livre. As moças da povoação eram encantadoras,

no entanto, mantivemo-nos concentrados na tela, atentos a cada diálogo, ao figurino, aos menores gestos dos atores, ao cenário e até à música.

De volta à aldeia, fizemos, diante da casa, uma apresentação de cinema narrado sem precedentes. É claro que todos os aldeões estavam lá. O chefe, sentado no meio da primeira

fila, segurando numa das mãos o longo cachimbo de bambu e na outra nosso despertador com a "fênix terrena", verificava quanto tempo levaríamos prestando contas.

O medo tomou conta de mim: descrevi mecanicamente os cenários do filme. Luo, ao contrário, demonstrou ser um contador genial. Narrava de modo enxuto, mas representava os personagens alternadamente, variando a voz e os gestos. Dirigia a narrativa, mantinha o suspense; fazia perguntas, provocava a reação do público e corrigia as respostas. Fez de tudo. Quando terminamos, ou melhor, quando ele terminou a sessão, exatamente no tempo previsto, o público estava feliz, excitado, surpreso.

- Mês que vem - declarou o chefe com um sorriso autoritário - vou mandar vocês verem outra projeção. Serão pagos como se tivessem trabalhado nos campos.

No início parecia divertido. Nunca poderíamos supor que nossa vida, pelo menos a de Luo, iria desmoronar.

A costureirinha. Página 21-23

A princesa da montanha da Fênix Celestial usava sapatos de lona rosa-claro, ao mesmo tempo flexíveis e resistentes, sob os quais podíamos acompanhar os movimentos dos dedos, todas as vezes que ela acionava o pedal da máquina de costura. Eram sapatos comuns, baratos, feitos à mão; contudo, naquela região onde quase todos andavam descalços, saltavam aos olhos, pareciam refinados e preciosos. Os pés e os tornozelos bem-feitos eram ainda mais realçados pelas meias de náilon brancas.

Uma trança grossa, de três ou quatro centímetros de diâmetro, começava da nuca, descia-lhe pelas costas, ultrapassava os rins e terminava presa por um laço de fita vermelha de cetim mesclado com seda, novinho em folha.

Debruçava-se sobre a máquina de costura, cuja placa de metal refletia a gola da blusa branca, o rosto oval e o brilho dos olhos, sem dúvida alguma os mais belos olhos do distrito de Yong Jing, se não de toda a região.

Imenso vale separava sua aldeia da nossa. O pai, único alfaiate da montanha, não parava muito na velha morada que servia ao mesmo tempo de loja e de habitação. Era um alfaiate muito requisitado. Quando uma família queria mandar fazer roupas novas, primeiro comprava o tecido numa loja de Yong Jing (onde havíamos assistido ao filme), depois vinha à casa do alfaiate discutir com ele sobre o modo, o preço e a data mais conveniente para a feitura das roupas. No dia combinado, vinham respeitosamente encontrá-lo de manhã bem cedo, acompanhados de vários homens robustos que, alternadamente, carregavam às costas a máquina de costura.

Possuía duas máquinas. A que levava de aldeia em aldeia era tão velha, que já não se conseguia distinguir nem a marca, nem o nome do fabricante nela impressos. A outra era nova, *made in Shanghai*? Esta ficava em casa, para ser usada pela filha, "a Costureirinha". Nunca levava a moça em suas andanças, e essa decisão sábia, mas irredutível, fazia com que os jovens camponeses que aspiravam a conquistá-la morressem de decepção.

Levava uma vida de nababo. Quando chegava a uma aldeia, a animação que provocava não deixava nada a dever às festas folclóricas. A casa do cliente, onde ressoava o barulho da máquina de costura, tornava-se o centro da comunidade, e a família aproveitava para exibir sua riqueza. Preparavam-lhe as melhores refeições e, às vezes, se a visita caía no fim do ano, e estavam organizando a festa de ano-novo, matavam um porco. Passava freqüentemente duas semanas seguidas numa mesma aldeia, hospedado por seus vários clientes.

Um dia, Luo e eu fomos visitar Quatro-olhos, um amigo nosso da cidade, instalado em outra aldeia. Chovia. Avançávamos passo a passo por uma trilha escarpada e escorregadia, envoltos na bruma leitosa. A despeito de toda prudência, caímos várias vezes de quatro na lama. De repente, na volta de um caminho, vimos que um cortejo se aproximava, em fila indiana, levando uma cadeirinha sobre a qual se pavoneava um homem de cinquenta anos. Atrás da cadeira do mestre vinha alguém carregando a máquina de costura presa por correias. O alfaiate debruçou-se sobre os que o portavam, dando a impressão de estar perguntando a nosso respeito.

Pareceu-me pequeno, magro, enrugado, mas cheio de energia. A cadeira, uma espécie de palanquim simplificado, estava amarrada a dois grandes bambus, equilibra-

dos sobre os ombros dos carregadores, postos um adiante e outro atrás. Ouvia-se o ranger da cadeira e das varas ao ritmo dos lentos passos marcados dos carregadores.

De súbito, no momento em que a cadeira passava por nós, o alfaiate inclinou-se sobre mim, tão perto que senti seu hálito.

- Way-o-lin! - gritou com toda a força em inglês.

Deu uma gargalhada ao constatar que o trovão de sua voz fulgurante fizera-me estremecer. Parecia mesmo um senhor caprichoso.

- Vocês sabem que, nestas montanhas, nosso alfaiate é o homem que foi mais longe em suas viagens? - perguntou-nos um dos carregadores.

- Em minha juventude estive em Ya An, a duzentos quilômetros de Yong Jing - declarou o grande viajante, sem nos dar tempo de resposta.

- Meu mestre tinha um instrumento musical como esse de vocês, pendurado na parede, para impressionar os clientes.

Logo se calou, e o cortejo foi-se embora. Na curva de um caminho, antes de desaparecer da vista, voltou-se e gritou novamente:

- Way-o-lin!

Os carregadores e os dez camponeses do cortejo ergueram lentamente a cabeça e deram um longo grito, tão deformado que nos pareceu mais um suspiro doloroso que uma palavra em inglês:

- Way-o-lin!

Way-o-lin! Provavelmente corruptela de expressão em inglês, do tipo *way along*, ou seja, "vamos adiante".
(N. do T.)

Balzac e Úrsula. Páginas 49-53

"Ba-er-za-ke." Traduzido em chinês, o nome do autor francês formava uma palavra composta de quatro ideogramas. Que magia a tradução! De repente, o peso das duas primeiras sílabas, a ressonância guerreira e agressiva, um tanto antiquada da palavra, atenuavam-se. Os quatro caracteres, muito elegantes, compostos de poucos traços, juntavam-se, adquirindo beleza extraordinária, da qual emanava um sabor exótico, sensual, generoso como o perfume envolvente de um vinho conservado por séculos numa adega. (Alguns anos depois, soube que o tradutor tinha sido um grande escritor, impedido, por razões políticas, de publicar suas próprias obras e que havia dedicado a vida à tradução de autores franceses.)

Teria Quatro-olhos hesitado muito antes de escolher o livro que nos emprestara? Foi o puro acaso que conduziu sua mão? Ou simplesmente escolhera aquele porque, na valise cheia de tesouros preciosos, era o mais fino, o que estava em pior estado? Teria sido levado pela mesquinhez? Uma escolha cuja razão permaneceu obscura, mas perturbou nossa vida, ou, pelo menos, o período de nossa reeducação na montanha da Fênix Celestial. O livrinho intitulava-se *Úrsula Mirouët*. Meu amigo o leu na mesma noite em que o recebemos de Quatro-olhos. Quando terminou, apagou o candeeiro e me acordou, passando-me a obra. Fiquei na cama até o cair da tarde, sem comer, sem fazer nada além de mergulhar naquela história francesa de amor e de milagres.

Imaginem um jovem casto, de dezenove anos, ainda dormitando no limbo da adolescência, que até então só conhecia a lengalenga revolucionária sobre patriotismo, comunismo, ideologia e propaganda. Repentinamente, como um intruso, o livrinho me falava do despertar do desejo, dos impulsos, das pulsões, do amor, de todas essas coisas sobre as quais jamais ouvira falar.

A despeito da total ignorância sobre esse país chamado França (já tinha ouvido meu pai falar em Napoleão, mais nada), a história de Úrsula pareceu-me tão verdadeira quanto a de meus vizinhos. Tinha certeza de que os negócios escusos que envolviam aquela jovem, ligados a sucessão e a dinheiro, contribuíam para reforçar a verossimilhança, aumentando o poder das palavras. Ao final do dia, sentia-me em casa em Nemours, em sua casa, perto da lareira fumegante, na companhia daqueles doutores e daqueles párocos ... Até o episódio sobre magnetismo e sonambulismo pareceu-me coerente e delicioso.

Só me levantei depois de ter lido a última página. Luo ainda não tinha voltado. Eu estava certo de que logo de manhã ele tinha ido à casa da Costureirinha para lhe contar a bonita história de Balzac. Fiquei um tempo de pé, à porta da casa sobre pilotis, comendo um pedaço de pão de milho, contemplando a silhueta escura da montanha em frente. A distância era muito grande para que pudesse distinguir as luzes da aldeia da Costureirinha. Fiquei imaginando como Luo lhe contaria a história e, de repente, percebi que um ciúme amargo, devorador, desconhecido me dominara.

Fazia frio. Eu tremia dentro do casaco curto de pele de carneiro. Os aldeões comiam, dormiam ou realizavam atividades ocultas no escuro. Mas ali, diante de nossa porta, não se ouvia nada. De costume, aproveitava a calma que reinava sobre a montanha para me exercitar ao violino, mas, naquele momento, seria deprimente. Voltei ao quarto. Experimentei tocar, mas o violino produziu um som agudo, desagradável, como se alguém tivesse embaralhado as escalas. De pronto, soube o que gostaria de fazer.

Decidi copiar integralmente meus trechos preferidos de *Úrsula Mirouët*. Era a primeira vez em minha vida que sentia vontade de copiar um livro. Procurei por papel no quarto todo, mas só encontrei algumas folhas destinadas às cartas que escrevíamos para nossos pais.

Decidi então copiar o texto diretamente sobre a pele de carneiro do casaco. A pele, que me havia sido oferecida pelos aldeões quando de nossa chegada, ainda estava cheia de pêlos, alguns longos, outros curtos, na parte externa; mas estava lisa do lado do avesso. Demorei a escolher o texto por causa da superfície limitada, e também porque, em alguns pontos, estava estragada, cheia de furos. Recopiei o capítulo em que Úrsula viaja como uma sonâmbula. Queria ser como ela: poder dormir na minha cama, ver o que minha mãe fazia em nosso apartamento a quinhentos quilômetros de distância, assistir ao jantar de meus pais, observar suas atitudes, os detalhes da refeição, a cor dos pratos, sentir o cheiro dos alimentos, ouvi-los conversar... E melhor ainda: como Úrsula, gostaria de ver em sonho lugares onde jamais havia estado ...

Escrever com caneta sobre a pele de um carneiro velho das montanhas não era fácil. A superfície era fosca, rugosa e, para aproveitá-la o melhor possível, tornava-se necessário usar uma escrita minimalista, o que exigia concentração total. Quando acabei de desenhar os caracteres por toda a pele, inclusive nas mangas, estava com tanta dor nos dedos que tive a impressão de que iam se quebrar.

Por fim, adormeci. O som dos passos de Luo me despertou. Eram três horas da manhã. Acho que não dormi muito, pois o candeeiro continuava aceso. Percebi vagamente que ele entrava.

- Você está dormindo?

- Ainda não.

- Levante-se, quero lhe mostrar uma coisa.

Pôs mais óleo na lâmpada e, quando a mecha atingiu total combustão, pegou o candeeiro, aproximou-se de minha cama e sentou-se na beira, os olhos em fogo, os cabelos eriçados. Tirou do bolso do casaco um pedaço de tecido branco, bem dobrado.

- Já sei. A Costureirinha te deu um lenço. Ele não disse nada. Mas, à medida que desdobrava lentamente o pano, vi que se tratava de um pedaço de camisa rasgada que, com certeza, pertencia à Costureirinha, e no qual alguma coisa estava costurada à mão.

Várias folhas enrugadas estavam envolvidas no pano. Todas elas apresentavam belo formato de asas de borboleta, em tons que iam do alaranjado intenso ao castanho, mesclado de amarelo-ouro, mas todas estavam maculadas de negras manchas de sangue.

- São folhas de ginkgo - disse Lua com voz febril. - Uma grande e magnífica árvore, plantada no fundo de um vale secreto, a leste da aldeia da Costureirinha. Fizemos amor de pé, encostados ao tronco dessa árvore. Ela era virgem, e seu sangue escorreu sobre as folhas caídas no chão.

Por um momento, fiquei sem voz. Quando consegui reconstituir na minha cabeça a imagem da árvore, da nobreza de seu tronco, da amplidão de sua ramagem e das folhas caídas, perguntei-lhe:

- De pé?

- Sim, como os cavalos. Talvez por isso ela tenha rido um riso forte, que ressoou longe, pelo vale, e tão selvagem que até os pássaros debandaram, assustados. Depois de nos ter aberto os olhos, *Úrsula Mirouët* foi devolvido no prazo fixado por seu legítimo proprietário, o Quatro-olhos sem óculos. Tínhamos cultivado a ilusão de que nos

emprestaria outros livros guardados na valise secreta, em troca dos pesados trabalhos, fisicamente insuportáveis, que fazíamos em seu lugar.

Mas ele não quis. Íamos freqüentemente à sua casa, levando-lhe alimentos, adulando-o, tocando violino para ele ... Os óculos novos que sua mãe lhe mandou libertaram-no da meia-cegueira em que vivia, pondo fim a nossas ilusões.

Estávamos arrependidos de ter-lhe devolvido o livro. "Podíamos ter ficado com ele" - repetia Luo.

- "Eu o teria lido, página por página, para a Costureirinha. Estou certo de que com isso ela se tornaria mais refinada, mais educada."

Podia-se acreditar que foi a leitura do trecho copiado no meu casaco que lhe tinha sugerido essa idéia. Num dia de descanso, Luo, com quem eu trocava muitas vezes as roupas, pediu-me emprestado o casaco de pele para se encontrar com a moça, lá ao pé do ginco, no vale do amor. Luo me contou o que aconteceu: "Depois que li em voz alta, palavra por palavra, o texto de Balzac, ela pegou teu casaco, releu-o sozinha, em silêncio. Só se ouviam o farfalhar dos ramos e, longe, o rolar de uma torrente. Fazia um tempo esplêndido. Céu azul, azul paradisíaco. Quando acabou de ler, ela ficou de boca aberta, imóvel, segurando teu casaco à semelhança dos fiéis que portam um objeto sagrado nas palmas das mãos.

"Esse velho Balzac" - continuou - "é um verdadeiro bruxo que pousou as mãos invisíveis sobre a cabeça dessa menina. Ela estava metamorfoseada, sonhadora. Levou algum tempo para voltar a si, a pôr os pés na terra.

N o fim, vestiu teu maldito casaco, que aliás não lhe caiu mal, e me disse que o contato das palavras de Balzac sobre sua pele lhe traria felicidade e inteligência ... " A reação da Costureirinha nos fascinou tanto que lamentamos ainda mais ter devolvido o livro. Mas foi preciso esperar o início do verão para que tivéssemos outra oportunidade.

O Conde de Monte Cristo. Páginas 110-115

- Como se chama esse tal marinheiro?
- No início, Edmond Dantes; mais tarde, passa a se chamar Conde de Monte-Cristo.
- Cristo?
- É o outro nome de Jesus, que quer dizer messias ou salvador.

Foi assim que comecei a narrativa de Dumas. Felizmente, volta e meia, Luo me interrompia para fazer baixinho comentários simples e inteligentes. Mostrava-se cada vez mais interessado pela história, o que me facilitou a concentração, libertando-me do embaraço causado pela presença do alfaiate. Este, sem dúvida assolado por tantos nomes franceses, lugares distantes e também pela longa jornada de trabalho, não disse uma só palavra desde o início da história. Parecia mergulhado em sono profundo.

Pouco a pouco, o poder de mestre Dumas foi mais forte, e acabei esquecendo completamente nosso convidado. Conteí, conteí, conteí ... Minhas frases tornaram-se mais precisas, concretas, densas. Com esforço, consegui manter o tom sóbrio da primeira sentença. Não era fácil. Fiquei agradavelmente surpreso ao ver o mecanismo da narrativa claramente exposto: o ajuste do tema da vingança, os fios que o romancista iria manipular com habilidade; era como olhar uma grande árvore desenraizada, exibindo a nobreza do tronco, as abundantes ramagens, a nudez das espessas raízes.

Não sabia quanto tempo havia decorrido. Uma, duas horas? Mais ainda? Quando nosso herói, o marinheiro francês, foi aprisionado na masmorra onde deveria apodrecer durante vinte anos, interrompi a narração por cansaço.

- Agora - segredou-me Luo - você me superou. Você deveria ser escritor.

Embriagado pelo cumprimento do excelente contador, deixei-me embalar pelo sono. Inesperadamente, ouvi a voz do velho alfaiate resmungar no escuro.

- Por que parou?
- Ora vejam! O senhor ainda não está dormindo?
- Absolutamente. Estava ouvindo. Gostei da história.
- Agora eu estou com sono.
- Tenta continuar um pouco mais, por favor - insistiu o velho alfaiate.
- Só mais um pouquinho - disse-lhe. - O senhor se lembra em que ponto eu parei?
- No momento em que ele entra no calabouço do castelo, bem no meio do oceano ...

Surpreso com a capacidade de concentração do velhinho, continuei a contar a história do marinheiro francês ... A cada meia hora parava, sempre num ponto decisivo, não mais por cansaço, mas por inocente vaidade de contista. Queria ser solicitado. Então, continuava. Quando o abade, fechado no calabouço miserável de Edmond, revelou-lhe o segredo do imenso tesouro escondido na ilha de Monte-Cristo e o ajudou a fugir, a luz da aurora invadia nosso quarto pelas rachaduras das paredes, junto com o chilreio matinal das andorinhas, rolas e tentilhões.

A noite em claro nos deixou esgotados. O costureiro foi obrigado a oferecer uma soma em dinheiro à aldeia, para que o chefe nos permitisse ficar em casa.

- Descansa bem - disse-me o velho piscando os olhos - e prepara meu encontro noturno com o marinheiro francês.

Foi sem dúvida a mais longa história que contei em toda a minha vida. Durou nove noites seguidas. Nunca cheguei a compreender de onde vinha a resistência física do velho alfaiate que, no dia seguinte, trabalhava o tempo inteiro. Inevitavelmente, algumas

fantasias, discretas e espontâneas, motivadas pela influência do romancista francês, começaram a aparecer nas roupas novas dos aldeões, sobretudo elementos marítimos.

Dumas seria, com certeza, o primeiro a se espantar, se tivesse visto nossos montanheseiros usando camisa de marinheiro, de ombros caídos e golas largas, retas nas costas e pontudas na frente, estalando ao vento. Era quase possível respirar o Mediterrâneo. As calças azuis dos marinheiros descritos em Dumas e confeccionadas por seu discípulo, o velho alfaiate, conquistaram as moças por causa das bocas largas e flutuantes, das quais parecia emanar o cheiro da Costa Azul. Pediu que desenhassemos uma âncora com cinco bicos, que virou o enfeite mais procurado da moda feminina daqueles anos, na montanha da Fênix Celestial.

Algumas mulheres conseguiram bordá-lo fielmente, com linha dourada, sobre minúsculos botões. Por outro lado, escondemos cuidadosamente alguns segredos descritos por Dumas - a Hor-de-lis bordada nos estandartes, o colete e o vestido de Mercedes - para uso exclusivo da filha do alfaiate.

Ao fim da terceira noite, um incidente por pouco não nos comprometeu. Eram cinco horas da manhã. Estávamos no coração da intriga, que, na minha opinião, é a melhor parte do romance: de volta a Paris, o Conde de Monte-Cristo consegue, graças a um plano minucioso, aproximar-se de seus três inimigos, contra os quais desejava vingar-se. Avançou os peões um a um, obedecendo a uma estratégia imbatível, verdadeira maquinação diabólica. Logo o procurador seria levado à ruína, prisioneiro da armadilha que lhe havia sido cuidadosamente preparada. De repente, a porta de nosso quarto abriu-se com estrondo, e a sombra negra de um homem apareceu na soleira, no instante exato em que o conde estava prestes a

se apaixonar pela filha do procurador. O homem à porta, com uma lanterna acesa, expulsou o conde francês e nos trouxe de volta à realidade.

Era o chefe de nossa aldeia. Estava usando um boné. O rosto inchado até os olhos surgia atrozmente deformado pelas sombras negras desenhadas pela luz da lanterna. Estávamos tão embebidos na narrativa de Dumas que nem ouvimos o barulho dos passos.

- Ah! que bons ventos o trazem? - gritou o alfaiate. - Estava justamente me perguntando se não teria a oportunidade de ver o senhor este ano. Disseram-me que está em dificuldades por causa de um médico incompetente.

O chefe nem o olhou; era como se não estivesse ali. Dirigiu sobre mim a luz da lanterna.

- O que é que há? - perguntei-lhe.

- Siga-me. Vamos conversar na Secretaria da Segurança Pública da comuna.

Por causa da dor de dentes, não podia berrar, mas os resmungos quase inaudíveis fizeram-me tremer, pois o nome daquela secretaria significava quase sempre tortura física e inferno para os inimigos do povo.

- Por quê? - perguntei-lhe acendendo o candeeiro com a mão trêmula.

- Você conta safadezas reacionárias. A nossa aldeia deve agradecer por eu nunca dormir, quer queira, quer não. Não vou mentir pra vocês, Estou aí fora desde a meia-noite e ouvi toda a história desse tal conde Fulano.

- Acalme-se, chefe - interveio Luo. - O conde nem é chinês.

- Estou pouco ligando. Um dia, nossa revolução triunfará no mundo inteiro! E um conde, qualquer que seja a nacionalidade, não pode ser senão reacionário.

- Espere, chefe! - cortou Luo. - O senhor não sabe o início da história. Esse cara, antes de se disfarçar de nobre, era um pobre marinheiro, uma categoria que se classifica entre os revolucionários, de acordo com o Livrinho Vermelho.

- Não me faça perder tempo com essa conversa mole! - disse o chefe. - Você já viu por acaso um bom camarada que quisesse pegar um procurador?

Dizendo isso, cuspiu no chão, sinal de que ia partir pra briga, caso eu não me mexesse.

Levantei-me. Preso na armadilha, mas resignado, enfiei o casaco de pano grosseiro e uma calça resistente, como um homem que se prepara para uma longa permanência no presídio. Esvaziei o bolso da camisa, encontrei algum dinheiro que entreguei a Luo, para que não caísse nas mãos dos carrascos da Segurança Pública. Luo jogou o dinheiro em cima da cama.

- Vou com você - disse-me.

- Não. Fica aí e cuida de tudo, o que quer que aconteça.

Ao pronunciar essas palavras, tive de fazer um esforço enorme para não chorar. Vi nos olhos de Luo que ele compreendia o que eu queria dizer: esconder bem os livros caso eu viesse a traí-lo sob tortura. Não sabia se iria suportar ser esbofeteado, espancado, chicoteado, como, segundo diziam, era comum naquela secretaria. Semelhante a um cativo prostrado, caminhei na direção do chefe, com as pernas trêmulas, exatamente como me lancei sobre o adversário por ocasião de meu primeiro combate infantil, para mostrar que era corajoso, embora traído pelo vergonhoso tremor nas pernas. O hálito do chefe era só cárie. Os olhinhos e as três manchas de sangue acolheram-me duramente.

Por um instante tive a impressão de que ia me agarrar pelo colarinho e me atirar escada abaixo. Mas ficou imóvel. Seu olhar passou de mim para a cabeceira da cama, depois se fixou em Luo, a quem perguntou:

- Você se lembra do pedaço de estanho que lhe mostrei?

- Não exatamente - respondeu Luo, perplexo.

- Aquele troço que eu pedi para você pôr no meu dente doente.

- Sim, agora me lembro.

- Ainda o tenho - disse o chefe, tirando do bolso do casaco o pacotinho de cetim vermelho.

- Aonde o senhor quer chegar? - perguntou-lhe Luo, ainda mais perplexo.

- Se você, filho de um grande dentista, puder curar meu dente, eu deixo teu companheiro em paz. Do contrário, eu levo o safado desse contador de histórias reacionárias pra Secretaria de Segurança Pública.